

A arte de mentir com contas de padeiro

Rogério L. Furquim Werneck*

Nas últimas semanas o País tomou conhecimento de duas contas de padeiro que, por razões distintas, merecem cuidadosa atenção.

A expressão ganhou destaque na mídia desde que foi usada por Paulo Roberto Costa, ex-diretor da Petrobrás, para explicar a diferença abismal entre os US\$ 2,5 bilhões, em que foi inicialmente orçada a Refinaria Abreu e Lima, e os mais de US\$ 18 bilhões que afinal serão gastos no projeto. O que o ex-diretor alegou é que, de início, a Petrobrás estava muito mal informada sobre quanto de fato custaria a nova refinaria. E que os US\$ 2,5 bilhões teriam resultado de uma simples conta de padeiro.

A outra conta que merece consideração foi a apresentada pela presidente Dilma Rousseff há poucos dias, em pronunciamento oficial à Nação, para tentar desmistificar a ideia de que os investimentos necessários para a realização da Copa do Mundo no Brasil poderiam ter tido uso mais defensável, se destinados à educação e à saúde.

É bom deixar claro que não há nada de errado com contas de padeiro. Muito pelo contrário. A expressão alude a contas rabiscadas em papel de embrulho de padaria, mas é usada para designar qualquer conta feita às pressas, no primeiro papel ao alcance da mão. E é exatamente essa a conotação da expressão equivalente em inglês, cuja tradução literal faz perfeito sentido em português: conta de verso de envelope.

Em muitas áreas, profissionais veem-se com frequência obrigados a recorrer a contas de verso de envelope para obter, a partir de hipóteses simplificadoras e valores plausíveis de variáveis e parâmetros, estimativas preliminares aceitáveis de resultados que, em princípio, exigiriam cálculos bem mais rigorosos. Inclusive em áreas especialmente respeitáveis. Entre os físicos, é bem conhecido o talento especial com que o famoso físico nuclear Enrico Fermi sabia recorrer a contas de verso de envelope, para obter estimativas aceitáveis de resultados de problemas extremamente complexos.

O que há de errado então com as duas contas mencionadas acima? A alegação do ex-diretor da Petrobrás é de que teria havido só incompetência na conta de padeiro que levou à estimativa inicial de quanto custaria a Refinaria Abreu e Lima. Na verdade, as investigações têm mostrado que houve muito mais. E revelado, com riqueza de detalhes, aspectos tenebrosos do lado escuro do modo de gestão petista.

O mais preocupante é quão longe foi a construção da refinaria com base nessa mera conta incompetente de padeiro. Sabe-se agora que, bem antes de contar com um estudo de viabilidade econômico-financeira, a refinaria já havia sido contemplada com um financiamento de R\$ 10 bilhões do BNDES.

Na conta de padeiro apresentada pela presidente Dilma Rousseff, a incompetência adveio de indisfarçável e mal-intencionada manipulação marqueteira. A opção relevante era entre construir estádios, de um lado, e escolas, hospitais e postos de saúde, do outro. Mas em vez de comparar os supostos R\$ 8 bilhões que foram gastos nos estádios da Copa com *despesas de investimento* em educação e saúde, a presidente permitiu-se compará-los com *despesas totais* dos três níveis de governo com educação e saúde de 2010 a 2013. Despesas da ordem de R\$ 1,7 trilhão que, além de investimentos em educação e saúde, incluem, por exemplo, toda a folha de pagamento do funcionalismo ligado à educação e à saúde nas três esferas de governo.

A conta que faz sentido é a que foi feita por Gil Castello Branco (*O Globo*, 17/6): “o custo dos estádios equivale a dois anos de investimentos federais em Saúde ou à instalação de 2.263 escolas”. Não seria surpreendente se, diante dessa conta honesta, a maioria do eleitorado ainda se mostrasse favorável à construção dos estádios. Mas a presidente não quis correr o risco. Para poder arguir de forma peremptória que a questão levantava um “falso dilema”, preferiu apresentar uma conta ridícula que faz crer que os gastos com os estádios foram equivalentes a menos de 0,5% do investido em educação e saúde. Um espantoso desrespeito ao eleitorado.

* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.